

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS

GRUPO DE HISTÓRIA ORAL

PROJETO INTEGRADO: “MINAS GERAIS: POLÍTICA E SOCIEDADE ATRAVÉS DA HISTÓRIA ORAL”

ENTREVISTADORA: PROF<sup>a</sup> LUCÍLIA DE ALMEIDA NEVES DELGADO

PROF<sup>a</sup> MARIA ELIZA LINHARES BORGES

ENTREVISTADO: CHRISTOVAM MOURÃO

LOCAL: BELO HORIZONTE

DATA: 06/11/1990

### Entrevista - fita 1- lado A

**LD:** Senhor Christovam, o senhor nasceu quando, em qual cidade? Podia falar um pouquinho dos seus pais também.

**CM:** Nasci no dia 7 de janeiro de 1932. Meu pai era dentista. Pequeno burguês. Nós somos de uma família de treze irmãos, eu sou o caçula. Lá em casa, ninguém estudou, não tinha condição. É isso aí. Todo mundo trabalhou, trabalhava, não é? Eu, por exemplo, não trabalho. Não teve condição, porque depois de 50 anos, eles não dão mais serviço para a gente. Diz que não, não, mas eu senti isso na prática, não é?

**LD:** Mas o senhor, então, quer dizer, o senhor nasceu em Pium-í, no interior de Minas, não é?, uma família numerosa, e treze filhos. Seu pai era dentista e a sua mãe, ela era..., era..., cuidava de casa. Com treze filhos, não é?, não dava.../

**CM:** //Não dava tempo, não.//

**LD:** Não dava tempo mesmo, não é? Agora, o senhor começou a trabalhar com que idade?

**CM:** Eu comecei a trabalhar com 12 anos.

**LD:** Doze anos? O que o senhor fazia?

**CM:** Eu trabalhava numa farmácia do meu tio, lá em Pium-í. Depois, com treze anos, eu fui para São Paulo. Trabalhei em farmácia. Só trabalhei em farmácia, e fiquei lá dezesseis anos em São Paulo.

**LD:** Também trabalhando em farmácia?

**CM:** Trabalhando em farmácia.

**LD:** E o que que o senhor fazia na farmácia?

**CM:** Tudo. Eu sou prático. Prático de farmácia.

**LD:** Prático de farmácia. É, e, e, o senhor falou que nenhum dos filhos estudou, mas assim, o senhor foi até que ano? Grupo...

**CM:** Só fiz o grupo. Tirei o diploma do grupo, mas eu fiz em seis meses. Estudava com meu pai. E na época, não sei por que que é, porque sempre arruma um jeitinho, não é?, no nosso país, então, nas férias do meio do ano, meu pai arrumou lá, eu fiz uma prova e entrei no quarto ano e tirei o diploma.

**LD:** Quer dizer que o senhor só estudou o quarto ano e tirou o diploma.

**CM:** Só.

**LD:** Isso era comum na cidade do interior?

**CM:** Ah, era. Não tinha outra coisa, só tinha o grupo.

**EB:** Não, não, mas entrar.

**LD:** De entrar.

**CM:** Não, não era comum, não.

**EB:** O senhor foi um caso excepcional.

**CM:** É, um caso excepcional.

**LD:** O senhor teve que fazer uma prova?

**CM:** Tive que fazer a prova no meio do ano.

**LD:** E foi difícil, como é que...?

**CM:** Não, não foi, não, tanto que eu passei, não é? [Risos] Se fosse difícil, eu não teria passado.

**EB:** E o pai do senhor foi quem preparou, ele fazia isso também com os outros filhos?

**CM:** Com todos, todos nós estudamos com ele, não é? Ele tirava uma hora por dia lá e lecionava.

**EB:** Ele fazia isso com..., porque ele achava que a escola não era muito legal ou porque ele tinha prazer mesmo de ensinar o filho?

**CM:** Eu não sei se ele achava que a escola não era suficiente, não sei. Papai era cheio de coisa, sabe? Ele era maníaco, se é que pode falar assim, sabe? Sei lá, ele tinha umas manias dele que eram só dele mesmo, e acabou. E isso era uma dessas manias. Todos os treze filhos estudaram com ele.

**EB:** E o senhor lembra, senhor Christovam, como que era esse processo de ensino que ele fazia para vocês em casa? O que que vocês liam? Como que era...

**CM:** Nós tínhamos lá uma coleção de Tesouro da Juventude, conhece? Muito antigo, não é? Então, ele fazia a gente ler aquilo tudo. Não era só ler, não. Ele tirava um livro lá, você vai ler isso aqui, depois nós vamos discutir para ver se leu, se entendeu. Ele queria..., ficava [...] a gente. [.....]

**LD:** Só uma coisa: ele que ensinou o senhor a ler? Se o senhor não esteve no grupo, como que foi, como que o senhor foi alfabetizado?

**CM:** Foi ele mesmo.

**LD:** Ele alfabetizou todos os filhos?

**CM:** Todos.

**LD:** E ele alfabetizava como? É, tinha algum método, como que era?

**CM:** Eu não sei, porque eu não conheci escola, então não sei como que era na escola, não. Ele desenhava as letras lá, mandava a gente copiar, tal e coisa, mostrava o significado das letras, ia formando as palavras.

**LD:** Os treze filhos.

**CM:** Os treze filhos.

**EB:** E quantos homens e quantas mulheres eram?

**CM:** Seis... Quatro mulheres e nove homens.

**EB:** E o senhor é o quê? É um dos mais velhos?

**CM:** Sou o caçula.

**EB:** O senhor é o caçula?

**CM:** Sou.

**EB:** Ah!

**LD:** Ele fazia alguma diferença nesse processo de ensino entre as mulheres e os homens, ou era todo mundo?

**CM:** Não, era a mesma coisa. Todos passavam pelo mesmo ritmo.

**LD:** Qual foi a influência mais forte que o senhor recebeu na infância? Pessoal e de..., caso já tenha havido algum tipo de influência política?

**CM:** Eu acredito que foi um irmão que eu tive. Esse, esse meu irmão foi o melhor amigo que eu tive. Eu só conversei com ele duas vezes. Ele era contabilista, dizem que ele era muito inteligente, tal. Ele era alcoólatra, bebia demais. E..., e ele era honesto, honesto demais. Quer dizer, não existe esse negócio de honesto de mais, de menos, não. Ou é honesto ou deixa de ser, não é? Então, ele era honesto. Então, eu acho que eu tive muita influência dele.

**LD:** Mas como? Que tipo de influência?

**CM:** Que eu via a vida dele, a vida que ele levava, achava que..., procurava copiar. Inclusive no álcool também. Até no álcool. [risos]

**LD:** Ele era muito mais velho que o senhor?

**CM:** Ele era bem mais velho, bem mais velho.

**LD:** Como que era a vida familiar?

**CM:** Eu não sei, eu acredito que a nossa vida era igual da época, sabe?, de todas as famílias. Com o problema que papai era sistemático, era um problema tremendo. Lá em casa era aquele..., tipo patriarcal. Meu pai, quando a gente estava brincando lá em casa, papai chegava, botava o pé na soleira da porta, ninguém mais brincava. Baixava o rosto lá e não tinha jeito.

**EB:** Ele tinha uma autoridade muito forte.

**CM:** Acho que não era autoridade, não tem um jeito de chamar outro nome? [risos]. Ele era ditador. É, autoridade, porque ditador também é autoritário, não é? Então, ele era desse tipo. Então, a mamãe não conversava, não podia.

**LD:** Não conversava com vocês?

**CM:** Não, com a gente conversava, mas com ele, não. Se os dois conversavam lá sozinhos, a gente não sabe. Mas perto dele, ninguém conversava. Depois, quando eu saí de casa, que era, eu tinha 13 anos, depois de 16 anos, eu voltei. Nunca escrevi para casa, não queria saber.

**LD:** O senhor ficou 16 anos fora, sem dar notícia?

**CM:** Sem dar notícia.

**EB:** O senhor foi para São Paulo para a casa de algum parente?

**CM:** Fui para a casa do meu irmão. Fiquei com meu irmão quase um ano.

**EB:** Esse mesmo irmão que era...?

**CM:** Não, esse era outro. Ele já tinha ido para..., tinha uma farmácia em São Paulo. Então, um ano que eu fiquei lá, não chegou a ter um ano, eu briguei com ele e saí. Mas continuei em São Paulo. Depois eu fiquei sabendo, encontrei com um amigo lá, por acaso, falou que meu pai estava cego, não estava trabalhando e tal. Catarata, não é? Eu pensei, falei: agora ele precisa de mim. Voltei.

**LD:** Dezesesseis anos depois.

**CM:** Dezesesseis anos depois. Até é uma passagem, muito engraçada: quando eu cheguei lá, eu tinha irmã casada, tinha uma porção de sobrinhos que eu não conhecia, tal. Cheguei, entrei, na hora do almoço. Fui lá, tomei um café e tal. Mamãe levantou, minha irmã levantou, me abraçou. E papai, sem enxergar, não é?, chegou perto de mim e falou assim: quem é esse? Mamãe falou: você não conhece pela voz? Ele falou assim: você vai demorar aqui? Eu falei: Em Pium-í, eu vim para ficar, mas da sua casa eu posso sair agora mesmo. Aí ele chorou, falou que precisava de mim, tal. Aí fiquei. E foi nessa época que eu falei, que nós discutimos lá algumas vezes, não é?, então lembrei do passado. Então falei para ele que eu..., não é, antigamente o senhor achava que a gente respeitava o senhor, não, nós tínhamos medo. [...] falando comigo. Agora, hoje eu respeito o senhor, mas eu exijo que o senhor me respeite também. Quando eu era menino,

era..., não tinha diálogo, o negócio era pancada, não é? Agora, não. Agora, o senhor manera aí. E vivemos o resto da vida até mais ou menos... Deu para entender, não é?

**EB:** O senhor continuou na casa dele muito tempo ou...

**CM:** Continuei. Eu casei em 65, foi em 68, que eu saí, eu estive na União Soviética. Depois eu voltei, fiquei em Belo Horizonte, não pude voltar mais lá. Depois de dez anos, eu voltei. Voltei rápido. Fiquei lá um pouquinho de tempo.

**LD:** Seu Christovam, o senhor falou um pouquinho do seu pai. E a sua mãe, como que era?

**CM:** Minha mãe..., não tenho nada a falar. É uma mulher simples, não é? Eu acredito que ela era uma sábia. Ela conversava muito pouco. Sempre alegre, satisfeita. Nunca vi ela chorando, ninguém nunca viu ela chorar. Muito honesta. Aí, falei muito, repeti outra vez. Ela era honesta. E eles falam de santo, tal e coisa, se existe santo, ela era santa. A gente puxa mesmo muito para a mãe, mas a minha mãe era um caso excepcional. Não sou eu que falo, não. O pessoal da família, os parentes tal. Ela era diferente mesmo.

**EB:** E o relacionamento do senhor com ela, como que era?

**CM:** Era ótimo.

**EB:** E nesse tempo que o senhor ficou fora, que o senhor não escreveu, e quando o senhor voltou, ela lhe perguntou alguma coisa?

**CM:** Nada. Nada. Eu lembro uma vez que eu estava lá em Pium-í, eu saí, o ônibus de Belo Horizonte ia saindo, peguei entrei no ônibus e saí. Era meu costume, não é? E vim aqui, minha irmã falou: como é que está lá? Eu falei: deve estar tudo bem. Eles não sabem que você veio para cá? Falei: não, não sabem, não. Naquele tempo demorava mais a viagem, não é? E daqui eu resolvi, fui para São Paulo. Fiquei lá em São Paulo trinta dias. Depois, eu voltei. Cheguei lá em casa, o pessoal estava apavorado, não é? Mamãe falou: não, não, eu conheço ele bem, eu não apavorei, não, está certo. Acho que ela entendia a gente, não é?

**LD:** Senhor Christovam, e..., vocês tinham alguma forma de lazer na infância? Como que era?

**CM:** Para se fazer não tinha. Na época não tinha. Não tinha condição. O negócio nosso era nadar escondido, não é?, Pescar, pegar passarinho. Tinha que ser tudo escondido.../

**LD:** Escondido de quem? Do pai?

**CM:** Do pai.

**LD:** Por quê? Ele queria que vocês ficassem fazendo o quê? Se não tinha escola... Como que era? O que era para fazer?

**CM:** Era, era para estudar. Era para estudar todo dia, o dia inteiro. Não tinha condição, não. Eu, tinha hora para chegar..., só podia sair depois da janta. Saía uma, duas horas e voltava. Não podia mais. Se passasse das oito horas era um caso. Eu me rebelei, não é? Ele me mandou embora de casa. Com 13 anos eu fui embora, me mandou. Aí, eu me rebelei, não adiantava. Não tinha condição aquilo, não. Chegava oito horas, falava: não é possível. Chegava às dez. Apanhava. No outro dia, meia-noite. E passava noite fora. Sabia que ia apanhar mesmo, falei: então não adianta. Se ficar...

**LD:** É. Aí o senhor foi para São Paulo, não é? E como foi a vida do senhor em São Paulo? Era um menino de 13 anos chegando em São Paulo, tendo que procurar emprego, só escolaridade de grupo. Como que...

**CM:** Na época era, era suficiente. Porque eu trabalhei só em farmácia, não é? Então, no tempo que eu trabalhei com meu irmão, um ano, eu fiz um círculo de amizade e não tive trabalho em trabalhar e viver, não tive trabalho nenhum.

**EB:** E o senhor morou aonde, lá em São Paulo? O senhor lembra?

**CM:** Eu morei, morei... Quando eu fui para lá, morava no [Pari]. Depois, eu morei no Carindé, morei na Vila Guilherme, morei no Brás, no Belenzinho.

**EB:** Nesses bairros que o senhor morou, já no período já da adolescência, da maturidade, o senhor ficou 16 anos lá, aí esse senhor vai entrar para o partido ou vai ter contato com pessoas?

**CM:** Não, contato a gente tinha. Mesmo sem querer, a gente tem mesmo. Você ali na farmácia, tem aquele problema do, do... Até hoje. Mas antigamente acho que era, acho que era até menos. A pessoa chegava lá com uma receita, coçava a cabeça, para ver o preço, não tinha dinheiro. Mas, gente, esse troço está errado, não é possível, não é? E..., e com esse negócio, a gente conversa com um, conversa com outro, eu encontrei com um elemento do partido lá e, e entrei para o partido.

**LD:** Mas o senhor encontrou quando? Como que foi esse encontro com elemento do partido? O senhor despertou para o problema a partir da dificuldade que as pessoas tinham de comprar, dinheiro.

**CM:** Certo, certo.

**LD:** Mas aí, como é que foi esse contato pessoal do partido? Onde é que foi?

**CM:** Existia um jornal na época, lá em São Paulo, ele chamava "Hoje". "O Hoje". E era o jornal oficial do Partido Comunista. Então, aquele jornal era vendido nas bancas.../

**LD:** Qual data? Só para... Que ano era isso?

**CM:** Era..., 50. É de 51. Então, o jornal era o jornal que tinha lá no partido e era vendido nas bancas, mas eu reparava que ninguém saía com o jornal na mão. Geralmente, o camarada comprava "Gazeta Esportiva", botava o jornal dentro e tal. Eu fiquei curioso e queria conhecer. Procurei o jornal para conhecer. Uma vez tinha um companheiro que eu não conhecia: você gosta do jornal? Eu falei: gosto. Aí ficamos conversando, tal e coisa, e aí eu peguei conhecimento e entrei para o partido.

**LD:** Duas perguntas. Uma o senhor responde se puder, se o senhor se sentir à vontade. Essa. O senhor lembra do companheiro, quem era?

**CM:** Lembro.

**LD:** O senhor poderia falar o nome dele?

**CM:** Deixa eu lembrar. Esse rapaz era moreno, alto, novo, baiano. Eu não sei se ele chamava Iran ou Alan.

**LD:** E ele era do partido, militante do partido?

**CM:** Ele era do partido. Ele era da direção estadual.

**LD:** Direção estadual do partido em São Paulo.

**CM:** São Paulo.

**LD:** A outra pergunta é a seguinte... Aí, talvez, o senhor pudesse... O Partido Comunista, nessa época - 50, 51 - estava na ilegalidade. Ele punha os jornais na banca, como que era? Ou eram algumas bancas que vendiam?

**CM:** Ah tinha, algumas bancas, não é? Até hoje não são todas as bancas que aceitam jornal do partido. Então, naquela época eram algumas bancas. Geralmente, é pessoa simpatizante, não é? Porque pelo dinheiro não era, porque a renda era muito pequena. Então, eles não pegavam o jornal para vender por causa da percentagem. Eles pegavam mesmo é por ideologia.



**LD:** E o que tinha nesse jornal, assim, que tocou o senhor, a ponto do senhor querer aprofundar esses contatos?

**CM:** O jornal mostrava a realidade. Pelo menos, a gente achava..., não, achava, não, era a realidade mesmo. Se você fosse procurar o que que era, ia encontrar. Tanto que eu via, vi na prática... Eu participei da grande greve, lá em São Paulo, foi a greve de 53. Foram 800 mil operários em greve, tinha sete categorias. Eu participei. Estava trabalhando, chegaram para mim: ó, preciso de você: peguei, pedi a conta na farmácia, na hora, saí, e fui me movimentar. Parece que foram 93 dias de greve. Acho que foi isso mesmo. E a situação era dura. Tinha época que a gente..., a gente comia uma vez por semana. Dinheiro, não, dinheiro, não tem. Tinha que ter dinheiro para a condução. O dinheiro da condução era sagrado. Não podia, como é que a gente ia andar a pé? Com fome e andar a pé, não dá, não é? Então era difícil. Mas nós conseguimos o que queríamos, as categorias.

**EB:** Agora, nessa greve, o senhor participa como trabalhador da área de farmácia ou o senhor já como membro do partido?

**CM:** Não, como membro do partido infiltrado, não é? Eu tinha, o caso que eu te falei, hoje tem a Perestroika, não tem [...] assunto fechado, era antigamente, hoje, não. Então, eu tinha carteirinha de sindicato de diversos, diversas categorias. Tinha a rua da Moca, ainda existe lá. Piratininga. Conhece lá?

**LD:** Eu conheço.

**CM:** Tinha o salão Piratininga, era o QG da greve de 53. Então, os porteiros, é lógico, eram operários. Então, para você entrar tinha que mostrar carteira dos outros. De uma das categorias, não é? A gente tinha..., tinha que fazer isso. A reação faz, porque a gente não pode fazer.

**LD:** Vem cá, agora deixa eu perguntar uma coisa. O senhor falou que nessa época era uma coisa, profunda dificuldade, que tinha pessoas que se alimentavam mal, uma vez por semana, dificuldade no transporte.../

**CM:** Pois é. Éramos nós.

**LD:** E como que era isso, que falava que naquele momento o governo Vargas foi um governo que, em suma, deu, trouxe algumas vantagens para os trabalhadores? Tinha toda a

questão do salário mínimo. Nessa época, o Ministério do Trabalho, se dizia que era voltado para o interesse do trabalhador. Como que é isso?

**CM:** Até hoje eles falam. Até hoje. Isso aí é o seguinte: é claro que a..., a lei trabalhista, que não existia antes, que o Getúlio deu, será que deu? Aquilo foi copiado da carta de [...], uma carta fascista, Mussolini. É claro que para o trabalhador brasileiro, que não tinha nada, então aquilo já foi alguma coisa. Mas é o negócio, chega num ponto que a pessoa quer mais. Porque aquilo estava muito pouco. E também o Getúlio dava com a mão esquerda e tirava com a direita, não é? Manobra que eles fazem até hoje.

**LD:** Bom, aí o senhor participou da greve de 53. Foi o primeiro movimento grevista que o senhor participou?

**CM:** Foi.

**LD:** Como militante do partido.

**CM:** Militante.

**LD:** E nessa época, quais eram as pessoas do partido que o senhor tinha mais admiração, ou que também tinha discordância com elas? Existia isso no partido? Como que era organizado isso? O senhor entrou no partido como? Para ser o que no partido?

**CM:** Eu não sei. Para ser um revolucionário.

**LD:** [risos]

**CM:** Então, eu pertencia só à base, à base do bairro, certo?

**LD:** Do bairro.

**CM:** Do bairro. E eu não conhecia o pessoal, chamado grande. Eu não conhecia, não. Conhecia só o pessoal de base mesmo. Tinha aqueles operários simpatizantes e tal. Tinha mais relacionamento com eles. Nessa greve de 53, eu fiquei conhecendo o Antônio Chamour, ele era do comitê central. Tinha o Nelson [...] Ele não era do partido, ele era simpatizante. Até foi vice-prefeito. Conheceu Nelson [...]?

**LD:** Não tinha [...] [risos]

**CM:** O Nelson [...] era batista, e ele foi eleito, junto com o Ademar de Barros, prefeito e vice-prefeito. Uma trama que fizeram lá, o Ademar aceitou. Eu sei que em poucos dias, eles fizeram um roubo de um Chevrolet, o Ademar com..., o prefeito com o vice-prefeito. Eu

encontrei com um amigo lá, uns dias depois, esse amigo era batista também. Aí, Christovam, você está vendo? Comunista é ladrão. Eu falei: é, comunista... Não, o ladrão era comunista. Porque ele foi expulso do Partido. Mas continua sendo batista. O rapaz era batista, esse que me falou. O ladrão, continua sendo batista.

**LD:** E o Nelson [...] foi expulso do partido/

**CM:** Foi. A ligação que ele tinha com o partido foi cortada, não é?

**LD:** Por conta da aliança que ele fez com Ademar de Barros.

**CM:** Por conta da aliança. Foi desmascarado publicamente, não é?

**EB:** Senhor Christovam, quando o senhor fala assim: o senhor foi para o partido porque eu queria ser um revolucionário. O senhor tinha uma idéia do que era ser um revolucionário?

**CM:** Tinha. Só que eu tinha uma idéia errônea, não é? Não era aquilo que era na realidade.

**EB:** Que idéia que o senhor tinha?

**CM:** A idéia, eu era mais..., eu queria ser mais um cangaceiro. [risos] Queria resolver os negócios era na marra, coisa que não é possível, não é? Na camaradagem também não vai resolver, não. Mas na marra também, do jeito que a gente queria, não era possível. [...] Quando eu entrei, eu pensava que sim. Que a gente ia tomar os troços na marra, não é? Aí, depois, com o tempo, a gente vai lapidando, não é?

**EB:** Essa mudança de visão que o senhor vai tendo, do momento que o senhor entra e aí o senhor diz: com o tempo o senhor vai lapidando, como que foi esse processo? Foi um processo difícil ou foi um processo...

**CM:** Ah, sem dúvida. Foi um processo lento, difícil, não é? Quando eu fui estudar Filosofia, na questão do..., materialismo, eu levei um choque, um choque muito grande. O materialismo histórico. Quando fala de Deus, por exemplo, eu falei: não, mas não pode, gente, isso aqui está errado. Fala... Foi um choque que eu senti.

**EB:** Por quê? O senhor tinha tido uma formação cristã?

**CM:** Cristã. Eu queria ser..., eu revoltava contra Deus porque eu acreditava em Deus. Então, eu fui estudando, tal e coisa, mas que, que eu levei um choque grande, levei. Senti mesmo. Mas eu quis parar de estudar, falei: não, tem que estudar. Cheguei..., cheguei à conclusão que era verdade, não é?

**EB:** E o senhor estudava era o quê? Cursos do partido?

**CM:** É. Esse curso que eu fiz na União Soviética, então tinha..., essa parte da Filosofia.

**EB:** Mas aí, então, o senhor vai fazer esse curso só depois de 68, quando o senhor vai para a União Soviética.

**CM:** Não, mas já tinha. Tinha uns cursinhos antes, que a gente fazia. Era coisa pequena, mas já dava para mexer com a gente.

**EB:** Faziam aqui no Brasil.

**CM:** Fazia.

**EB:** Como que eram os cursos?

**CM:** Tinha uns cursos de três dias, de uma semana, de quinze dias. Era, claro, escondido. Até hoje, se eu quiser falar aonde que era, eu não sei. Tinha uma norma, a gente ia sempre, quatro pessoas. Não conhecia uma à outra. A gente, o motorista era do partido, o motorista do carro de praça era do partido. Chegava em certo ponto falava assim: Oh, agora..., não tinha que tampar os olhos, não, fecha os olhos, cada um com a sua consciência, não é? Então entrava, a gente não sabia onde tinha ido. E para sair do mesmo jeito. Se os outros não seguiam o regulamento, não sei. Eu sou radical.

**EB:** E aí, vocês eram levados para o local, ficavam lá uns quatro dias.

**CM:** Ficava. Quatro, oito, quinze.

**EB:** E quem dava os cursos?

**CM:** Não conheço. Conhecia, na época, era tudo nome de guerra, tal, não é? Mesmo depois, lá de fora, a gente não encontrava mais, não. Eram brasileiros.

**EB:** E aí...

**LD:** O senhor nunca na vida conseguiu lembrar, identificar quem eram essas pessoas? Não teve curiosidade? Foi tão disciplinado que nem uma...

**CM:** //Não, não, eu não tive...//

**LD:** ..... lá dentro, não deu curiosidade, não? [riso]

**CM:** Não. Eu acho que se tivesse, não dava também para ficar sabendo, não. Eu acho que no meio de tanta gente, que ninguém teve curiosidade, não é? E não foi descoberto, não!

**EB:** E o senhor que tinha tido um hábito de não freqüentar escola, tinha, teve uma outra formação, o pai foi professor e tudo, o senhor notava uma diferença entre o pai professor e esse professor que o senhor tinha de formação?

**CM:** Ah, mas muito grande. Muito grande. Esse curso que eu fui fazer na União Soviética, eu tive uma dificuldade tremenda. Justamente. Eu não tinha escolaridade, eu não sabia como que era disciplina. Foi difícil para mim.

**EB:** E nesses cursos também feitos no Brasil?

**CM:** Também, também.

**EB:** Agora, ali como que era os cursos? Eles davam textos, discutiam, davam aula, como que era?

**CM:** Era uma aula normal, como qualquer..., qualquer escola. Discutia, dava um texto, a gente trabalhava, estudava, depois voltava a discutir.

**EB:** E a relação com o professor, como que era?

**CM:** Era ótima, ótima. A gente ficava junto, porque era... Tinha três ou quatro quartos, então ficava sempre... Não era mais de dez pessoas, é de dez para baixo. Então ficava sempre três pessoas de vigilantes. À noite, a gente ficava armado, não é? Tinha condições de dar o alarme, sabe? Mas é... Eu nunca soube que houve furo da polícia.

**EB:** Agora, o curso incluía treinamento também com arma ou não?

**CM:** Não, não. Nesse..., a gente ficava lá, de vigia, com arma, mas é arma automática, qualquer um sabia usar, não é?

**LD:** Ah, e deixe-me perguntar uma coisa. Isso quando? Porque teve uma época em que o partido era mais perseguido, teve uma época em que as coisas eram mais fáceis. Quando é que foi essa fase que vocês, para fazerem curso, faziam escondido?

**CM:** Até em 55, eu lembro que existiam os cursos.

**LD:** E depois?

**CM:** Depois, eu não sei.

**LD:** Depois de 55, o senhor não fez mais curso.

**CM:** Não, não fiz, não. Depois eu vim para Pium-í, foi em 60. 60, perdi todo o contato lá, e fiz contato aqui.

**LD:** O senhor gostava dos cursos?

**CM:** Gostava, gostava muito.

**LD:** Por quê? Tinha um ambiente... Se era uma coisa que ninguém sabia quem era, tinha um ambiente de companheirismo, como que era?

**CM:** Sem dúvida nenhuma. Ali era uma família, família unida, não é? Todo mundo com o mesmo ideal. Eu acho que era isso, não é?

**LD:** Só mais uma questão, para depois a gente entrar no assunto, não é, que está preparado, a temática da entrevista. É, então o senhor ficou em São Paulo, voltou, aí chegou em Pium-í, e lá tinha o partido, como que era?

**CM:** Tinha um elemento do partido lá. É claro que tinha o partido, tinha um elemento, tinha o partido. Tinha um rapaz, parece que era jornalista, Sérgio Nogueira..., Sérgio de Freitas Pereira. Ele morreu. Foi o ano passado? Ele era um teórico, ele era..., tinha uma cabeça muito grande, sabe? Então apareceu esse problema lá de Furnas, Furnas desviou o rio Pium-í e tinha um banhado muito grande, segundo consta lá, eram 33 mil hectares. 33 mil hectares. Então, com aquela virada do rio, secou aquele pântano, uma terra muito fértil. Eu falei para meu companheiro, eu falei assim: olha, eu sempre gostei de terras e nunca tive oportunidade, eu vou entrar lá. E entrei. E aí surgiu o problema. Aquele pessoal, vizinho lá do pântano, que queria tomar o terreno. Ele levava o pessoal para lá com a própria.../

**FIM DO LADO A DA FITA 1**

### Entrevista - fita 1- lado B

CM: Os fazendeiros queriam a meia, a meia, a terça, de qualquer maneira. Queria dar.../ Depois, quando eu entro, para começar a trabalhar, então aparece o fazendeiro prometendo para me pagar 20%, prometendo [.....] semente, ajudar no estoque, promessa, não é? E foi uma, duas, quatro, cinco vezes. Aquilo, foi o seu Valentino, que se dizia dono da fazenda. Eu falei: eu não quero semente, não quero pano, não quero ajuda, porque eu estou plantando para mim. Ele falou: não, o senhor está plantando na minha terra. O dia que o senhor provar que a terra é do senhor, então eu saio, não vou plantar para ninguém, não. Eu só planto para mim mesmo. Aí começou o atrito. Ele ia com os outros lá, e prometiam que pagava e tal e coisa. Mas a promessa que ele fazia, não cumpria, não. A ajuda que ele prometia, não ajudava, não. Eu já estava vendo aquele negócio de longe, falei: não, eu não..., não quero trato com o senhor, não. Aí, nós fomos até um certo ponto. Aí começou a botar jagunço lá perto. Tipo de intimidação, não é? Eu corri com dois jagunços dele, eu fui na casa dele e pedi. Falei: ô, seu Valentino, o senhor não passa dentro do que é meu não, que eu não aceito. Não, mas antes disso aí, quando eu vi que o negócio não era dos fazendeiros, que os fazendeiros estavam querendo me explorar, aí eu, conversando com o Sérgio, esse companheiro lá, nós pensamos em formar uma associação para defender...

EB: O jornalista.

CM: O jornalista. E nessa associação, nós discutimos sobre isso, tal e coisa, tal. E eu não sei de que maneira foi que eu tive contato com o Julião. Nós queríamos formar uma liga camponesa. E depois, também não lembro como.../

EB: Em 59, na passagem de 59 para 60, o Julião esteve pela primeira vez em Belo Horizonte, já como representante da Liga. O senhor lembra se o senhor teria vindo a Belo Horizonte?

CM: Não, não vim, não.

EB: E o apoio [.....], então?

CM: Não, foi por carta.

EB: Ah, foi por carta. Ah.

CM: É aquilo que eu estava te falando lá. Eu tinha diversos documentos lá com meu irmão queimou. Eu tinha carta dele, Julião. Mas aí eu não sei de que maneira também que eu peguei contato com o padre Laje, e o padre Laje falou: não, mas a Liga não serve, é política, aquilo outro e tal. Vamos criar o sindicato, fica mais fácil e tal. Então nós achamos melhor formar o sindicato.

EB: Senhor Christovam, o senhor passou tantos anos, 16 anos fora de Pium-í, quando o senhor volta, e aí o senhor vai mexer nessas terras do banhado [.....], o senhor começa a ter contato novamente com as pessoas da cidade, com os trabalhadores rurais, ou foi depois que o senhor entra nessas terras que vai ter esse contato?

CM: Não, o contato já tinha que..., aqueles mais velhos, que já eram conhecidos, então a gente tinha contato sempre. E com o decorrer da coisa, então a gente..., o contato ficou maior, mais tempo, o mais, se via mais e tal. E a gente foi aglutinando. A gente explicava o que que era, o porquê, por que o homem cobrava a percentagem, o camarada pagava. Ah, mas eu não tenho terra. Você não tem, mas ele também não tem. Ele não é dono disso, por que você vai pagar?

EB: Quando o senhor foi para essa região do pântano, já tinha gente lá trabalhando //Já// ou o senhor é a primeira pessoa que vai?

CM: Não, não, já tinha gente. Tinha pouca gente, mas tinha. Tinha umas 150 pessoas.

LD: O senhor foi por gosto pessoal ou porque queria mexer, plantar, queria ter uma atividade econômica, ou já tinha algo de político nisso?

CM: Não, o negócio foi... Eu gosto, sempre gostei de terra. Mas o negócio foi mais político. Tanto que eu mostrei para eles, falei: gente, eu não quero terra, isso aí não está me interessando, eu estou mostrando para vocês como é que faz para vocês defenderem o pedaço de vocês. Porque para mim não interessa, não. Mas infelizmente a mentalidade é muito pequena, não é? Eles ficavam com medo de intimidação. É esse problema.

EB: E o senhor pode falar, assim, um pouquinho mais como essas pessoas trabalhavam essa terra, o que elas plantavam lá, porque segundo os dados que nós temos levantado sobre Pium-í, algumas coisas a gente não está conseguindo entender. Porque a gente sabe, dado à construção de Furnas, fica uma área que, que..., em função da desapropriação de Furnas muita gente tem que sair daquele local. Depois dá o drenamento desse brejo. Aí o governo manda as máquinas do DNOS, no final dos anos 50, 57, por aí. Manda as



máquinas para lá. Para drenar o pântano. E em 60 é que começa, o início do movimento dos arrendatários contra aqueles que se diziam proprietários dessa região, não é? E como que é isso aí? Quando o senhor entra, essas máquinas já tinham saído, o pântano estava todo drenado? Há muito tempo as pessoas já estavam lá plantando? O que elas plantavam mais?

CM: As máquinas ainda estavam trabalhando. Eles desviaram o rio, que tinha um trajeto, eles mudaram o trajeto do rio. O rio Pium-í desaguava no rio Grande. Então, eles desviaram para desaguar no rio Pium-í..., no rio São Francisco. Então, à medida que o terreno ia secando, o pessoal ia plantando. Plantava lá arroz, que era mais molhado, nas partes beirando o rio, era mais seca, então plantava milho, feijão. Mas o pesado lá era o arroz. O camarada que chegava lá, entrava, tal, logo tinha lá um camarada, o fazendeiro, jagunço, capataz, já tratava com o moço lá que, no fim da colheita ia receber.

EB: E qual que era a porcentagem que era paga ao proprietário?

CM: Eles começavam com a meia. Eles queriam a metade do produto. Então, a proposta era isso. Dava pano, dava metade da destoca, dava a semente. Mas nada disso havia, certo? Então, eles iam lá comprar, falava: ah, mas não deu. Não, então você dá só 20%. Pagava 20%, vinte, trinta.

EB: E aonde eles conseguiam comprar, então, a semente, já que os proprietários não forneciam essa semente? Como que essas pessoas faziam para adquiri-las?

CM: Comprava a prazo, pedia. O pessoal não tinha mesmo, não tinha dinheiro, não. Era tudo é, pequeno.

EB: E cerca de quantos alqueires ou hectares cada um trabalhava? O senhor tem essa lembrança?

CM: Não, não tenho nenhuma [...] exata, não. Mas não dava para trabalhar muito, não. Só se tivesse dinheiro, não é? O camarada, com um alqueire cheio, ele plantava muita coisa. Um alqueire de chão, ele plantava quatro de arroz. Quatro alqueires de arroz dava 360 alqueires. Era muita coisa. Então, o camarada tinha que ter algum dinheirinho, senão ele não plantava. [.....]

EB: E o trabalho lá era um trabalho familiar ou usava..., os arrendatários também usavam trabalho assalariado? Como que era?

CM: Não, era só familiar. Era só familiar.

EB: Então, cada família entrava e tomava conta de uma parte do lote e explorava aquela parte. O senhor lembra como que era esse trabalho familiar, se trabalhava mulheres, crianças, ou se era só os adultos, como que era?

CM: Mulher, criança, tudo. Doente. Tinha que trabalhar, não é? E pior que o..., a gente estava... Foi na colheita, a gente ia tirar o arroz com água na cintura, a gente cortava o arroz, ele saía para cima d'água, não é?, a gente cortava e jogava dentro da canoa e puxava para a parte mais firme para poder ter... Era difícil, difícilíssimo. Então, esse pessoal que entrava de acordo com o fazendeiro, eles plantavam um ano, no ano seguinte, eles jogavam semente de capim e já estavam com a terra pronta para ele amansar. A gente fala amansar a terra. Para desbravar. Então, o negócio, eles queriam era isso, era plantar o capim. Aproveitava o terreno todo, semeava o capim e [...] arroz lá.

EB: E plantava o capim por quê? Mais tarde, eles iam colocar gado lá?

CM: É. Exato.

EB: E lá era gado de corte ou leiteiro?

CM: Era os dois. Corte e leiteiro.

LD: Só uma curiosidade. O senhor, então, foi, lá para o pântano, para a região. Isso lhe dava sustento econômico, como que era?

CM: Dava.

LD: Com a plantação.

CM: Com a plantação.

LD: Então o senhor passou a ser agricultor?

CM: Agricultor.

LD: Nessa época, então, que o senhor... De prático de farmácia passou a ser agricultor posseiro.

CM: Inclusive eu fui denunciado lá, teve um camarada, um delegado da Corregedoria, se não me engano é doutor Asdrubal, chegou lá e falou assim: não, não consta que o senhor é agricultor, não. Consta que o senhor é prático de farmácia. Eu falei: e eu não posso mudar de profissão? Sou obrigado a continuar como prático de farmácia? Ele falou: não, pode. Eu falei: então mudei. Então pronto. Eu mudei. [.....] Então acabou. Isso foi um

advogado que existia lá, muito amigo, doutor Graziano Leonel da Silva, latifundiário, safado, pilantra, sem caráter, sem moral, ainda é. Continua sendo. Ele sabia de tudo.

EB: Agora, nessa época que o senhor se casa, em Pium-í?

CM: Casei em 65.

EB: Ah, o senhor vai casar depois. Então, nesse período, o senhor trabalha sozinho nessa terra?

CM: Sozinho.

LD: O senhor construiu uma casa na terra?

CM: Não, eu tinha três, tinha quatro ranchos. O rancho era feito..., muito difícil de tirar madeira, madeira era longe, então eu tinha dois de..., coberto de palha e dois com telha. Dificílimo. Tinha só um com parede, o resto tudo era aberto, não é?

LD: O senhor morava sozinho ou morava com amigos?

CM: Não, eu sempre tinha, eu tinha..., tinha pião que trabalhava lá, que não tinha onde ficar, ficava lá no rancho. Trabalhava para mim também.

EB: Quer dizer que o senhor também usava trabalho assalariado.

CM: Usava, usava. Ali era, aí era mais um tipo de..., como eu falo? Cooperativa, não é cooperativa. O camarada trocava dia, certo? Ele não tinha para pagar, não é? Então, estava precisando hoje, o que nós vamos fazer? Destocar. Então ia dez companheiros para lá para destocar. Então, no dia seguinte tinha que plantar o arroz do outro. Então ia aqueles companheiros, plantava arroz do outro, pagando aquele dia. O dinheiro não corria, não tinha?

EB: Não corria dinheiro.

CM: Não corria.

EB: Dos 80% da produção que ficava para quem tinha arrendado a terra, o produto era vendido em mercados locais, ali, ou mais para fora?

CM: Era no mercado local. Tinha, se não me engano, cinco máquinas de beneficiar arroz. Então, como sempre acontecia e acontece ainda, os maquinistas emprestavam a sacaria com o trato dele dar preferência de compra para ele. E alguns emprestavam dinheiro também, para segurar mais.

EB: Então as máquinas eram de particulares.

CM: De particulares.

EB: Não eram do proprietário.

CM: Da fazenda? Não.

EB: Não. Agora, seu Christovam, nesse período então vocês ficam no banhado, na região do pântano, trabalhando como arrendatário, algum contrato de trabalho com aqueles que pelo menos se diziam proprietários da terra?

CM: Aí é que entra. Depois da formação do sindicato, então foi resolvido, em assembléia, a gente cortar esse contrato.

EB: Mas até então eles reconheciam que a terra tinha um proprietário, tinha dono.

CM: Reconheciam.

LD: Era um contrato formal, escrito?

CM: Existia verbal e existia formal também.

EB: Então houve durante um período o reconhecimento que a terra tinha um dono. E que as pessoas estavam ali como arrendatários.

CM: Como arrendatários. Então, depois do sindicato, que foi explicado para a massa como que era, como não era, tal, e tinha que romper com esse laço com o fazendeiro, não é? Porque a terra não era dele, a terra era da União, então por que você vai pagar. Se for para pagar, pagasse para a União, não para o fazendeiro. E a turma concordou.

EB: E eles concordaram de uma maneira geral ou houve resistência?

CM: Não. A turma concordou. Os posseiros concordaram.

EB: Como é que o senhor faz essa diferenciação entre arrendatário e posseiro. Tem horas que o senhor fala posseiro, tem horas que o senhor fala arrendatário.

CM: Posseiro é o camarada que entra e toma posse. Agora, o grileiro é o camarada que entra indevidamente, a terra não é dele, ele fala que é proprietário e explora.

EB: Certo. Mas quando o senhor se refere às pessoas que plantam o arroz ali, o senhor está se referindo aos posseiros ou aos arrendatários.

CM: Arrendatário é o proprietário da terra. É isso?

EB: É. Não, a..., aquele que arrenda do proprietário que eu considero.../

CM: //É o posseiro.//

EB: É o posseiro. Então, eles se consideravam posseiros de lá?

CM: Consideravam.

LD: Arrendatário. Dono, o suposto dono da terra.

EB: Está certo.

LD: Eu acho que... [..... ..... ....] na hora que chegar em 65, a gente...

EB: Tá. Então, eu queria perguntar ao senhor: como que foi o processo? O senhor disse, através de uma conversa com o padre Laje, ele sugere a criação de um sindicato para ficar mais fácil esse trabalho no pântano, não é? E o sindicato, como ele foi criado lá?

CM: O sindicato, nós procuramos as..., os colegas mais conhecidos, que a gente achava que tinha mais cabeça e tal. E mostramos a necessidade de arrumar uma associação, que iria defender os interesses da classe e tal. E no caso aí seria o sindicato. Não lembro o dia exato, nós reunimos na casa de um companheiro, foram 53 pessoas. Então, dali nasceu o embrião do sindicato. Me apontaram como o presidente do sindicato, eu fui até o final.

EB: E os outros membros da diretoria do sindicato, quem eram? Mesmo se não lembrar o nome, mas assim, tinha outras pessoas do partido que já teriam se deslocado para lá ou na realidade o partido era só o senhor e esse jornalista?

CM: É. Só nós dois.

EB: E qual é a participação [.....] na criação do sindicato?

CM: Aí, do partido aí, seria eu e o Sérgio. Que até aí o partido não sabia de nada do pântano. Aí foi com o tempo que nós fomos [...], aí que o partido participou.

EB: Naquela época tinha uma lei que dividia os sindicatos em categorias diferentes, sindicato rural. Não é? Tinha sindicato dos trabalhadores rurais, tinha sindicato da área de pecuária, tinha o sindicato, dos chamados autônomos, produtores autônomos, e dos posseiros. E o senhor lembra qual era a categoria do sindicato de Pium-í?

CM: Eram autônomos. Era Sindicato dos Trabalhadores Rurais Autônomos. Porque ali ninguém era empregado. Posseiro, tinha que ser autônomo.

EB: E na medida em que o sindicato se propunha a levar ao campo, ainda não tinha saído o estatuto da sindicalização rural, porque ele vai sair até 62. Mas, assim, já tinha todo um trabalho desde os anos 50 de levar os mesmos "benefícios" do trabalhador urbano ao campo. Como que esse trabalhador que é autônomo se vê nessa lei? Houve algum problema? O fato deles não serem assalariados, isso implicava, na verdade, queria o décimo terceiro, férias, e o produtor não chega a ser [.....].

CM: É, aí, aí foi o grande problema. Porque o pessoal que foi para lá, antes eram todos eles empregados. Eles tinham laços empregatícios, vínculo. Mas é claro, eu sou empregado, me dão oportunidade de ser dono do meu trabalho, não é? Então vou largar, não é? Era..., isso que acontecia lá. Mas a nossa proposta era o seguinte: com o tempo, a gente queria desmembrar as categorias, não é? Então, de momento não tinha condições. Então, com o tempo ia desmembrar.

EB: E a questão da reforma agrária passava na conversa com as pessoas no sindicato ou ainda era uma coisa que não se tocava na região?

CM: Não, já, já se falava. Reforma agrária, era onde os moços lá ficavam bravos.

EB: Que moços que ficavam bravos?

CM: Os que se diziam dono da terra, não é?

LD: E como que era esse negócio de reforma agrária? Como que vocês pensavam, achavam que devia ser reforma agrária?

CM: Reforma agrária, até hoje nós não temos uma coisa nítida, não é? Reforma agrária. Então cada um dava um palpite. Como que ele queria a reforma. Cada um puxando para o lado dele. Não pode ser assim, tem que beneficiar todo mundo, tem que ser uma coisa homogênea, não é? O que a gente pensava lá, que era mais geral, era dividir os lotes, fazer as glebas individuais, e a cooperativa. Tinha que ser junto com a cooperativa. Não era possível o camarada ser individualista, não é? Trabalho individual não..., não se consegue nada. Era essa, esse o modo mais geral que a gente pensava.

EB: Essa era a proposta do sindicato.

CM: Proposta do sindicato.

EB: E como que essa proposta era recebida pelos associados do sindicato?

CM: Muito bem. Inclusive nós tínhamos também pequenos proprietários, dentro do sindicato. Camarada que tinha dois, três alqueires de terra, não é? Eram associados.

EB: Ah, quer dizer que o sindicato, quando surge, ele não tem como associado só as pessoas do pântano.

CM: Não, não.

EB: Mas tem de outras terras também, da região...

CM: Não, ele foi formado só com o pessoal do pântano.

EB: [.....]

CM: [.....]. Então, depois foi abrindo para esse pessoal, pequeno proprietário e engrossava mais.

EB: E com relação àquela lei do deputado Manoel Almeida, que pretendia criar, a lei de 62, quer dizer, é posterior à própria criação do Sindicato. Agora, o projeto dele já é um projeto de 58, que ele pretendia criar um condomínio rural em Pium-í, para alojar, segundo ele, as pessoas que foram desabrigadas pela construção de Furnas. E as pessoas tinham conhecimento desse projeto lá em Pium-í?

CM: Tinha. Inclusive tinha um porta-voz lá do Manoel de Almeida, que ele era..., foi um ex-delegado de polícia, chamava [.....] Rezende, então... Nós não aceitávamos que ele fosse comandante [.....].

LD: Por quê?

CM: Porque eles achavam que ele..., além de não ser verdade, que ele era muito..., sei lá, eu não conhecia ele mais profundamente, não, mas ele era..., ele não merecia crédito. E o negócio também, o ciúme do pessoal, que ele trazia o pessoal de Furnas para lá. Porque ali já não dava [...]. A prova é que quando depois da fundação do sindicato, nós tínhamos 3.700 famílias associadas no sindicato.

EB: Isso quando?

CM: Logo..., foi um ano depois.

EB: Um ano depois.

CM: 62, 63, no início de 63. Mas eu andava, eu fui a Passos, Fortaleza, Fortaleza de Minas, Capitólio, Bambuí, São Roque, Formiga, Pimenta, Peroba. Chegava lá: escuta, isso é..., a

gente não pode fazer, que é aliciar, não é? Mas a gente fazia assim mesmo. [risos] Chegava e falava: escuta, você trabalha aonde? Trabalho para fulano. Você ganha quanto? Ganho assim, tal. Como que é? Não, o patrão é muito bom. Geralmente, o camponês é uma desgraça. Não, o patrão é bom. O que ele faz? Ele faz isso. Sua mulher trabalha? É, ela dá uma ajudinha. Recebe? Não, não recebe. O que é isso rapaz? Nós temos terra lá para plantar. Então, eu... Nós conseguimos levar muita gente desses lugares que eu falei, não é? O camarada estava trabalhando um trabalho escravo. Falava: mas se você tem terra para trabalhar para você, rapaz, por que vai trabalhar como escravo?

EB: E eles largavam tranqüilamente o trabalho?

CM: Largavam e iam para lá.

EB: Sem um receio nem nada.

CM: Se alguém tinha receio, não demonstrava, não. Eu mostrava a dificuldade que tinha, claro. Lá tem mato [.....], dentro do banhado, então para cortar o mato não é para depredar. Vai cortar o pau que precisa. O que você vai fazer é difícil para carregar, mas você tem quem ajude. Então formava, assim, os ranchos. Nós chamávamos ali de currutela, a gente tinha uma turminha, fazia vinte ranchos ali, trinta, tal, formava aquelas currutelas. E eles vinham. Vinham e faziam.

LD: Como que era a vida no banhado? Assim, o cotidiano. Como que vocês se alimentavam? Havia distração para as crianças... Quantas horas vocês trabalhavam por dia... Como que era a sua vida?

CM: A gente trabalhava aproveitando o máximo, não é? De sol a sol. Quando o sol ia saindo, a gente ia longe buscar água, porque a água ali era muito ruim, tinha o gosto de cana podre.

EB: Salobre.

CM: Não é salobre, ela tem gosto de cana podre. Água de brejo é assim mesmo, não é? Então, a gente ia longe buscar. Eu tinha uma cabaça de oito litros, dava para passar o dia, não é? Então, quando o sol saía, a gente já tinha..., a água já estava pronta, já tinha tomado café e tal, estava trabalhando. Enquanto tinha sol, a gente trabalhava. Então, os meninos lá ajudavam demais, ajudavam os pais, tal. E o lazer deles era pescar. Tinha muito peixe.



Não precisa falar que acabou tudo, não é? Que a fome é triste. Tinha muito jacaré, muito peixe. Os meninos, o lazer deles era esse.

LD: E problema de saúde, como é que resolvia?

CM: Não houve nenhum caso, não, mas é claro que se fosse continuar tinha que tomar alguma providência, não é?

LD: Não tinha nada, nem um posto de saúde?

CM: //Não, não tinha.//

LD: Nada, escola, nada?

CM: Não.

EB: E esse banhado, ele é bem perto da cidade?

CM: São três léguas, 18 quilômetros. Eu mesmo fazia aquilo a pé. Tinha dia de eu ir e voltar. 18, 36 quilômetros.

EB: E tinha alguma venda, aonde vocês conseguiam comprar o resto dos alimentos que precisavam para o consumo interno lá?

CM: Tinha. Tinha uma venda muito fraca, mas era um..., era a que tinha, não é? Chamava..., o dono da venda chamava Antônio [.....].

EB: E como que era a relação com o Antônio [.....]?

CM: Era muito boa. Ele trabalhava de agregado, ele morava de agregado com uma senhora lá, que chamava Bina, latifundiária também. Explorava também o pântano. Mas ele tinha boas relações com ela, mas a relação melhor era com a gente. Gente que ele não conhecia e tal, chegava lá sem dinheiro, ele vendia à prazo, ele ajudava, não é? Mas a mulher lá não podia saber, não.

EB: Que ele vendia para vocês.

CM: É.

EB: Mas todo mundo comprava era dele.

CM: Não tinha outro lugar para comprar.

EB: E ela não ficava sabendo?

CM: Não, que comprava ela sabia, mas que comprava à prazo, não.

EB: Ah, sim. Lá, então, não tinha o sistema de barracão, não é?

CM: Não, não tinha, não.

EB: Isso não funcionou naquela região do pântano?

CM: Não tinha, não. Isso, antes da gente ir para lá, a gente já contava essa história para o pessoal, não é? Porque lá tem..., lá tem fazenda que existe barracão, ainda. O camarada entra devendo e não paga nunca, não sai, não. Não pode sair.

EB: Não consegue nunca acertar a conta.

CM: Não, não.

EB: Então, eles conheciam esse sistema lá e tudo.

CM: Conhecia o sistema.

LD: A Igreja, a partir do momento que formou essa comunidade, vocês, trabalhadores, lá na região do Banhado e do Pântano, a igreja, havia algum padre que aparecia, a igreja tinha algum tipo de atuação religiosa ou social e política.

CM: Tinha apenas um jovem padre, que se chamava Alberico, Alberico dos Santos. Então, o nosso relacionamento com ele era muito bom. Só que ele era vaidoso, ele quis, que tentou algumas vezes tomar a frente. E eu não deixei.

EB: Tomar a frente do quê? Do sindicato?

CM: Do sindicato.

EB: Como membro de diretoria?

CM: Não, não era como membro. Era como..., como..., como que fala? Como que fala?

LD: O que influenciava?

CM: É, ele influenciava demais, não é? Não sei, o que pode falar.

LD: Ele não seria um líder formal, mas mais informal?

CM: É isso que ele queria ser. E ele tentou ser.

LD: E não podia ser da diretoria formal, mas queria...

CM: É claro. Ele participava. Uma vez, nós tivemos um atrito dentro do sindicato, que eu recebi uma ordem, uma ordem, não, um recado de um fazendeiro que se entrassem na fazenda dele, que ele ia receber à bala. Então, não lembro o nome do companheiro que

nós íamos colher o arroz dele. O pessoal que era escolhido para colher, também, era voluntário. Então, a gente formava a assembléia, fazia a assembléia, tal, e pedia voluntário. E o arroz... Era Quinzinho, o nome do rapaz. Tinha 126 pessoas que iam colher o arroz do Quinzinho. Tinha mais ou menos 600 alqueires de arroz. Então, o moço mandou avisar que ia receber à bala. Aí, eu procurei o delegado, falei com ele, ele falou assim: Christovam, eu só entro depois que tiver sangue. Falei: muito bem. Eu acho melhor vocês não irem colher. Falei: não. Já tinha resolvido, o padre chega lá feito doido, batendo pé: vocês vão deixar isso aí que eu vou conversar com o Joaquim dos Santos, que era o fazendeiro, nós vamos deixar para colher o arroz a semana que vem. Falei: ô... Porque ele era bem aceito no sindicato, mas quando ele queria passar por cima, a gente não aceitava, não é? Eu falei: ô, padre, já foi resolvido, nós vamos colher o arroz amanhã. Isso ficou resolvido em assembléia e vai ser assim. Ah, porque não pode e tal. Em toda a casa que eu entro, eu vejo um crucifixo. Eu entro na cadeia, tem crucifixo. Eu entro em tal lugar, tem. Aqui, eu não vejo. Só vejo Che Guevara, não sei mais o quê. Eu falei: bom, essa casa não é minha, essa casa é nossa. Nós podemos fazer o seguinte... Ele falou o seguinte: eu dou o crucifixo para vocês pregarem aí. Eu falei: não, essa casa não é minha. Já que nós estamos em assembléia, nós podemos botar em votação.

## **DO LADO B DA FITA 1**



"O Hoje", 8

"

## A

agricultor, 20  
Arrendatário, 22

## B

banhado, 15, 17, 21, 26, 27  
base, 11

## C

cangaceiro, 11  
colheita, 18, 19  
Comunista, 11  
contrato, 21, 22  
cotidiano, 26  
curso, 12, 13, 14  
cursos, 12, 13, 14

## D

Deus, 12

## F

família, 1, 6, 14, 19  
farmácia, 2, 5, 7, 9, 20  
fazenda, 16, 21, 28, 29  
fazendeiros, 16  
Filosofia, 1, 12, 16  
fome, 9, 27  
Furnas, 15, 18, 25

## G

Getúlio, 10  
governo Vargas, 10  
greve, 9, 10, 11

## I

Igreja, 28  
ilegalidade, 9  
infiltrado, 9  
influência, 4

## J

jagunços, 16  
jornal, 8, 9

## L

Liga, 17

## M

mãe, 1, 6

materialismo, 12  
 Militante, 10  
 movimento dos arrendatários, 18

**O**

operários, 9, 10, 11

**P**

padre, 17, 23, 28, 29  
 padre Laje, 17, 23  
 pai, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 13  
 pântano, 15, 17, 18, 20, 21, 23, 25, 27, 28  
 partido, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 23  
 Partido Comunista, 8, 9  
 patrão, 26  
 Pium-í, 1, 2, 5, 6, 14, 15, 17, 18, 20, 23, 25  
 posseiros, 22, 23  
 processo, 3, 4, 12, 23  
 proprietários, 18, 19, 21, 25

**R**

reforma agrária, 24  
 revolucionário, 10, 11

**S**

São Paulo, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 14  
 saúde, 27  
 Sérgio de Freitas Pereira, 15  
 sindicato, 9, 17, 22, 23, 24, 25, 28, 29

**T**

terra, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26  
 trabalhador, 9, 10, 24  
 trabalhadores rurais, 17, 23  
 trabalho, 1, 7, 19, 21, 23, 24, 26

**U**

União Soviética, 6, 12, 13